



VI SEMANA DE LETRAS
Através das Letras: Ensino, Pesquisa e Extensão
23 a 27 de agosto de 2013 – ISSN: 2126 – 7858

MEMÓRIA E QUESTÕES DE COR NO CONTO *METAMORFOSE* DE GENI GUIMARÃES

Verônica Vieira de Lima¹

Sávio Roberto Fonseca de Freitas²

RESUMO

Geni Guimarães em seu livro *Leite do peito* (1988) aponta várias manifestações de racismo e as dificuldades enfrentadas pelos negros devido à cor da pele. No conto analisado a autora toca em um ponto crucial: a decepção da criança ao observar que a história dos escravos, apresentada pela instituição escolar, não coincide com a versão contada por sua avó, já que no discurso da escola os escravos eram apresentados como covardes e submissos, e na narrativa de sua avó eram homens bons, simples, humanos e religiosos, que tentavam passar suas tradições. A narrativa desse conto apresenta um acento de dor e de rememoração crítica do passado da criança. Todos os contos do livro são marcados fortemente pelo tom memorialístico que caracteriza a narrativa feminina afrodescendente no Brasil.

Palavras-chave: Geni Guimarães, *Metamorfose*, Relações de Gênero, Memória.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu a partir das discussões realizadas no decorrer do projeto de iniciação científica “Relações de gênero na literatura brasileira de autoria feminina”, que é desenvolvido na UFRPE-UAG, tendo como orientador o professor Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas. O projeto enfoca a produção literária afro-brasileira de autoria feminina que vem ocupando os espaços de discussão acadêmica no âmbito dos estudos literários.

Compondo o cenário contemporâneo da Literatura Brasileira, Geni Guimarães dentre outras é uma escritora que deixa registrado, através da literatura, discursos de militância sobre a afro-descendência no Brasil. Considerando que um cânone literário pode ser formado a

¹ Discente do curso de Licenciatura em Letras da UFRPE-UAG. Aluna PIC/UFRPE e Bolsista PIBID/UFRPE.

² Doutor em Letras pela UFPB. Professor Adjunto 1 de Literaturas de Língua Portuguesa da UFRPE-UAG

partir de estruturas de exclusão e valor, percebemos que a voz dos ancestrais africanos se reflete na voz desta autora que, escrevendo do ponto de vista da mulher negra brasileira, assume ora um discurso que se orienta pela política feminista ora pela subjetividade feminina, dependendo da forma com a qual lidam com as relações de raça, classe e gênero em seus textos.

Nossa opção por contos, ou seja, narrativas curtas deve-se à concisão que, entretanto, não deixa de focalizar aspectos importantes de nossa pesquisa. Assim, o conto constitui uma unidade dramática, com uma célula dramática, um só conflito, um só drama, uma só ação em unidade de ação que aponta para um objeto delimitado. Tudo o que integra o conto leva a um mesmo objetivo, convergindo para o mesmo ponto.

2. UM POUCO SOBRE GENI GUIMARÃES

Geni Mariano Guimarães nasceu em São Manuel – São Paulo em 8 de setembro de 1947. Filha de Benedito Mariano de Camargo e Sebastiana Rosa Camargo. Ela é a penúltima filha de um total de 12. Mesmo que sua família seja bastante numerosa, é perceptível a incondicionalidade do amor entre os membros da família, isso fica latente no decorrer dos contos de Leite do Peito.

Cursou da 1ª a 4ª série em uma mista, como na colônia em que vivia não tinha o curso o Ginásio, sua família mudou-se para a cidade. Assim, a mocinha foi matriculada no Colégio e Escola Normal Barra Bonita (CENE). Neste estabelecimento de Ensino, cursou da 5ª a 8ª séries e o Curso Normal (Magistério). Vinte e quatro anos depois, cursou Letras, pelo IMES (Faculdade localizada na cidade de São Manuel), Geni Guimarães ratificou o espaço socialmente reservado à mulher negra, pois, antes de atuar como professora e escritora, ela foi babá e empregada doméstica.

A estreia profissional de Geni no mundo da publicação foi com o livro de poemas Terceiro Filho (1979). Com essa obra, a autora ficou conhecida pela crítica de intelectuais negros e teve contato com outros escritores afro-descendentes, Geni em uma entrevista, afirmou que pagou junto com o seu marido a publicação do livro com o dinheiro que arrecadaram a com a venda de um fusquinha. A partir daí começou a ser convidada para ministrar palestras em eventos relacionados à temática negra. Numa destas palestras foi

ovacionada ao ler o conto “O enterro da Barata”, e para sua surpresa, a Fundação Nestlé de Cultura, através da área voltada para a literatura, editou seus primeiros contos, em 1988, na obra Leite do Peito: Contos, em sua primeira versão. Com esta obra a autora viu muitas portas se abrirem para a escritora, tendo sido realizadas muitas palestras em diversas capitais brasileiras, e também no exterior, sempre trabalhando os temas voltados para a literatura afro-brasileira, preconceito racial, entre outros. Geni Guimarães com a obra A cor da Ternura, recebeu o prêmio Adolfo Aisen, em 1992, pela Academia Brasileira de Letras e o prêmio Jabuti em 1990.

Para a autora, “a leitura é feita para quem saiba ler”, assim, ela é contra a ideia de que sua produção literária, excetuando os poemas, seja direcionada apenas ao público infanto-juvenil. Desse modo ela pretende ser lida por todos os públicos.

3. MEMÓRIA E DOR EM *METAMORFOSE*

Como sabemos, a Lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel em maio de 1888, que, por isso, foi chamada de “a Redentora”. No entanto, sabemos também que a lei deveu-se às pressões da Inglaterra que, após a Revolução Industrial, pretendia mecanizar a mão de obra, o que excluía o trabalho escravo. Percebemos, assim, que foi uma lei ditada pelo capitalismo que permanece até nossos dias, sem qualquer preocupação social.

Desse modo, vemos que a situação dos escravos não mudou efetivamente. Eles já não estão presos a senhores, podem ir e vir, porém, sua participação social ainda é pouca porque o estatuto do negro ainda é inferior. Livres, restou-lhes apenas morar, na maioria dos casos, na periferia das cidades, dando origem às favelas e guetos onde a necessidade e a precariedade ainda são muito presentes. É isso que lemos nos contos de Geni Guimarães, que, através de seus relatos, mostra a permanência destes problemas sociais. Em Leite do Peito, coletânea de contos publicada em 1989, ou seja, cerca de cem anos após a libertação dos escravos, a escritora mostra um perfeito exemplo da desigualdade social em que viviam os negros mesmo depois da abolição.

Podemos perceber no conto “Metamorfose” que o eu-lírico assume uma posição em relação à abolição da escravatura, pois para a menina Geni, a princesa Isabel era digna de

admiração pelo grande feito. A narradora e sua família referem-se à Princesa Isabel como santa, por ter assinado a Lei Áurea, declamando os seguintes versos:

*“Foi boa para os escravos
E parecia um mel,
Acho que é irmã de Deus,
Viva a princesa Isabel!!”
(GUIMARÃES, 2001, p. 57)*

Percebe-se na criança a ansiedade por mostrar sua “gratidão” para essa mulher tão nobre, que libertara o seu povo do peso da escravidão, após escrever esses versos a pequena infante, vai de encontro à professora, e lhe mostra o que havia escrito, é parabenizada tanto pela professora, quanto pelo diretor, porém, em outro momento quando haverá a comemoração da abolição da escravatura no dia 13 de maio, a menina é preterida por outros alunos, como podemos perceber no seguinte trecho:

*[...] –Dona Cacilda, logo após o recreio, disse-nos:
- No dia treze agora, vamos fazer uma festa para a Princesa Isabel, que libertou os escravos. Quem quer recitar?
Várias crianças gritaram:
Eu!Eu!Eu!
- Assim não dá! – gritou a professora. – Levantem a mão.
Levantei a minha, que timidamente luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas assanhadas.
[...] Não fui escolhida. Tantos, não era possível, explicou-nos ela. Corri atrás dela, sôfrega... Falei tudo sem respirar. Sem piscar. Medo de não convencer, de apertar os olhos e as lágrimas escaparem do controle da emoção.
- Está bem...
Acariciou meu rosto e riu chochamente [...] (p.60, 61).*

Porém a menina, não se sentiu intimidada, como podemos perceber foi de encontro à professora, e se “ofereceu” para declamar, e sem “graça” a professora atendeu ao pedido, Geni em sua inocência de criança, não compreendia a discriminação da qual era alvo na escola, até então, esta passava despercebida, isto se modifica apenas, no dia em que haverá a comemoração da festa em homenagem a princesa Isabel, o trecho a seguir, ilustra de forma adequada à situação citada:

*[...] A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data.
Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.
Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!
Quis sumir, evaporar, não pude [...] (p.62).*

É perceptível que nesse momento a menina Geni, compreendeu que a heroína de seu poema, não defendera os escravos que a menina ouvira tanto falar através das narrativas da

avó, pelo contrário estes eram apenas homem simples, acostumados com a situação de exploração em que viviam. O choque de histórias, a figura construída por seus ancestrais caíra por terra, e a menina desistiu de recitar o poema que tanto havia se empenhado em escrever, “enfeitar”, decorar, nesse momento, o olhar de pena lhe dirigido pelos *coleguinhas de turma*, a fizeram recuar e perceber o lugar que lhe era destinado na sociedade em que estava inserida.

Ao perceber esse lugar que lhe é conferido, Geni vai para casa, e em um momento de revolta e inocência infantil decide se embranquecer, para tal ela usa do artifício que a mãe lhe ensinara, para tirar o “pretume” das panelas, analisemos a seguir:

[...] A ideia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo... Assim que terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. [...] (p.66)

No episódio narrado, a criança percebe através da dor, que a cor, não poderia ser apagada, que mesmo que na escola ela fosse a única menina negra, a escola teria que aceitá-la de qualquer forma, segundo ela, a dor permanecera para fazê-la lembrar durante muitos anos da dor que fora amadurecer a partir da violência do preconceito escolar.

Podemos perceber ainda que na menina, ficaram apenas as lembranças do episódio escolar em que ruíram seus mitos e heróis da época da escravidão, nesse caso, a princesa Isabel, e os escravos, dos quais Geni tinha tanto orgulho, do acontecido, ficaram apenas as cicatrizes como ela mesma afirma:

[...] Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens (p.66).

De uma forma inocente e feminina, Geni, nos narra os acontecimentos que antecederam as comemorações acerca da abolição da escravatura, nos mostrando o amadurecer da jovem menina que no desenrolar do conto sente o peso do preconceito por conta de sua raça, mesmo assim no decorrer dos anos escolares quis conquistar igualdade social, mas dependeu intensamente do espaço escolar que na maioria das vezes a colocou diante de situações e atitudes discriminatórias e preconceituosas em relação à sua etnia.

Mesmo com esse “peso” que lhe é conferido, o conto traz consigo a visão infantil do que ela experimentou ao longo de sua vida até chegar ao caminho em que desejou. A narrativa por ser uma ficção que busca uma memória coletiva e individual, traz à tona algumas situações de preconceito, e opressão racial, presente no cotidiano dos afro-brasileiros.

Ao nos depararmos com a narrativa construída no conto *Metamorfose*, podemos perceber que estamos sempre no entorno e no centro, pois o sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar à história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele. Nessa percepção, o sujeito que narra literariamente num determinado Tempo e Espaço, dilatado ele também como um coletivo de vozes, um ser plural, uma legião, pois dele ouviremos e/ou leremos as ressonâncias de um ou vários grupos sociais com os seus mais distintos signos, toda uma poética que, singular, é plural.

A escrita memorialista é uma escrita que passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo futuro.

Desse modo, quando o eu-lírico do conto de Geni se dá conta de que todo o mal, repressão e sofrimento passados entre os muros da escola, sente não apenas a sua dor, mas aquela que vem dos muitos séculos de escravização do negro. Por isso, sente nojo e desprezo por sua própria cor, se autodepreciando, com palavras que conferem ao indivíduo afro-brasileiro características negativas.

A autora Geni Guimarães traça sua autobiografia de forma linear no livro de contos *Leite do Peito*, o enfoque aqui predominante foi em relação ao conto *Metamorfose* (2001). A escritora teve que evocar imagens de seu passado e reorganizá-las cronologicamente para transformá-las em discurso literário.

O processo de resgate dessas imagens, aparentemente, não é muito complexo, pois, de acordo com Alfredo Bosi, em sua obra *O ser e o tempo da poesia* (2000, p. 19), a “imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho”. Entretanto, por mais que pensemos se tratar de um retrato fiel da autora, na “criação literária não há um acabamento puramente pictural da imagem externa no qual ela esteja entrelaçada como outros elementos do homem integral.” (BAKHTIN, 2003, p. 32). E nesse “homem integral” estão as experiências de muitos homens e mulheres negras e as essências humanas em geral nas percepções de injustiças e desumanidade.

Assim, verdade e ficção se entrelaçam na narrativa de cunho memorialístico, principalmente quando esse resgate e recriação, também, se referem a “outros elementos do homem integral”, ou seja, a uma alteridade. Ao trazer para o presente suas vivências, inevitavelmente Geni Guimarães evoca o passado das pessoas com quem, direta ou

indiretamente, conviveu e, nesse retorno, por mais que as lembranças estivessem vivas em sua mente, é impossível fazer uma recriação fidedigna do passado do outro, assim como do próprio passado. No reencontro da Geni com ela mesma, se percebe na personagem Geni uma figura dócil, justiceira, sensível, inteligente e, em alguns momentos, introspectiva, no decorrer dos contos.

4. Conclusão

No conto analisado, a escritora narra como se configurou a situação de opressão e preconceito, nos idos tempos escolares, o que não a impediu de amadurecer, pois essa constante combatividade e releitura de seus pensamentos e sentimentos, tiveram como resultado a elevação de sua autoestima diante das atitudes de discriminação que a sociedade dominante a expôs em diversos momentos.

Nesta obra, Geni Guimarães nos dá uma visão otimista com relação ao negro e sua formação identitária no Brasil. O crescimento da menina dentro da história, mostrando sua vida de menina pobre, foge do estereótipo do destino da maioria das mulheres negras tanto do mundo ficcional da Literatura Brasileira.

Portanto, esta protagonista negra, apesar das muitas dificuldades, serve de estímulo ao leitor, principalmente ao afro-brasileiro, ao mostrar que o esforço e a busca pela profissionalização desperta a vontade de vencer e ir em busca de seus ideais num mundo ainda regido pelos brancos.

Por fim, podemos afirmar que o narrador representado por Geni criança, no conto *Metamorfose*, alcançam dimensões humanas, e (re) velam uma escritora que sente orgulho de ser afro-brasileira, mesmo que em algumas situações, tentem fazer com que ela se sinta envergonhada por trazer no corpo e na alma as marcas identitárias de um povo sofrido, e a maioria, sem nenhuma perspectiva de um futuro melhor, ela traça a sua própria trajetória de mulher negra que não abdicou da luta em favor de seus irmãos de etnia e de si própria.

Em sua escrita ela descobriu que podia falar por quem não tinha voz ou consciência de raça e cor, buscando assim, suprir as necessidades dos seus iguais. Figuram nesse conto uma personagem feminina infantil, dotada de uma vitalidade surpreendente capaz de superar muitos dos dissabores impostos socialmente aos cidadãos afro-brasileiros.

Desta maneira, para concluirmos, podemos perceber que Geni Guimarães nos apresenta uma mensagem eficaz acerca do preconceito racial sofrido pelos afrodescendentes desde tenras idades, ela usa a perspectiva infantil para contar de forma inocente o que viveu sendo uma jovem negra na sociedade pós-abolicionista e todo o caminho de injustiças que

viveram os negros, mulatos e outras etnias escravizadas e desvalorizadas, mas que obtiveram sucesso profissional e um lugar digno dentro da sociedade, livre de estereótipos.

5. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. Imagem, discurso. In: **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 Pp.19-47.

BOSI, Ecléa. **Memoria e Sociedade: Lembranças de velhos**. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DUARTE, Eduardo Assis. **Literatura e Afrodescendência**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literaafro/>

GUIMARÃES, Geni. **Leite do Peito: Contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1988. Pp: 57 a 66.